



■ O publicitário e jornalista Rodolfo Garcia se considera um tipo urbano e sai pouco do Rio. Página 4

Segundo Caderno



■ Uma comédia inédita de Paul Mazursky é a atração de hoje no 'Supercine' da TV Globo. Página 10

Sábado, 1 de setembro de 1990

O GLOBO

Rio de Janeiro

Sérgio Camargo, o 'mestre' das massas brancas e negras, ganha, finalmente, um livro sobre sua obra

Luminosa ausência de cor

No apartamento de piso negro, colunas brancas e grandes janelas de vidro — projeto de Oscar Niemeyer — em Copacabana, Sérgio Camargo folheia, com carinho, o primeiro livro sobre sua obra, que será lançado em setembro, "Camargo". Aos 60 anos, completados em abril, com dezenas de catálogos e incontáveis artigos escritos por críticos e artistas sobre seu trabalho, e uma monografia editada em Londres, em 1966, um dos mais prestigiados escultores brasileiros só agora vê, finalmente, um livro à altura de sua longa e corajosa trajetória artística.

— Gostei demais deste trabalho. É muito bom, feito por gente competente. Levamos quase três anos preparando o material. Toda a minha obra, de 1950 a 1987, está aqui, principalmente a de 1963 para cá — conta, na ampla sala com esculturas suas, de José Resende, Lucio Fontana e telas de Cildo Meirelles, entre outros.

O escultor das massas brancas e, mais recentemente, negras, adora pintura, "usufruir da cor", como diz, e acha indispensável viver rodeado de trabalhos de outros artistas. Mas o admirador de Segall, da fase concreta de Milton Dacosta, de Volpi e Sued, entre outros, teve poucas experiências com cor. "Não sei dominá-la. Tentei uns relevos em azul e vermelho, anos atrás, mas ficaram muito decorativos, uma droga. Joguei fora", conta, bem-humorado.

O livro — e o banco de madeira da sala onde estão alguns de seus trabalhos — mostra a fascinação pela luminosidade do branco, que marcaria sua obra e se insinuaria quando, aos 16 anos, estudou por seis meses na Academia Altamir de Buenos Aires, com o escultor italo-argentino Fontana. Esta seria a única vez em que Camargo estudaria artes plásticas. Mais tarde



"Projeto Ritz", mármore de 1979, um exemplo da genialidade do artista

cursaria Filosofia na Sorbonne, em Paris, e frequentaria os ateliês dos artistas. Sua produção de 1950, as figuras femininas em bronze escurecido — que, segundo os críticos, já indicavam, nos cortes, a tendência do artista a adoção de um método mais construtivo — deu lugar à explosão do branco, nos painéis com relevos feitos em madeira pintada. Aí começa sua projeção internacional.

Mas, na realidade, seu processo de criação se desenvolve no Rio, em Jacarepaguá. "Trabalho sem método. Deixo as ideias surgirem naturalmente", conta.

— É preciso empurrar o trabalho com certa dose de coragem: deixar que as coisas andem naturalmente.

Na sua opinião, as artes plásticas, no Mundo, vivem um processo "meio regressivo", porque não há o mesmo espírito de aventura dos anos 60, por exemplo, quando os artistas ousavam mais.

— A escultura se libertou de fórmulas, o escultor hoje é mais um fazedor de objetos, a liberdade de criar é muito maior, mas administrar a liberdade absoluta não é brincadeira. E preciso ter coragem.

Uma das atrações da Bienal do Livro

SÃO PAULO — Uma escultura em pedra "negro-belga", avaliada em US\$ 30 mil (aproximadamente Cr\$ 2,4 milhões, no paralelo), quebra a seqüência de prateleiras cheias de novidades no estande da Livraria Freebook, na 11ª Bienal Internacional do Livro. Mais do que mero recurso de decoração, é um instigante convite ao mergulho na obra do escultor Sérgio Camargo, através de um livro de edição caprichada.

O público só poderá comprar o livro após seu lançamento oficial, marcado para os dias 22 e 25 de setembro, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud e no Paço das Artes, em São Paulo. No Rio, o lançamento, seria, por vontade do artista, no Paço Imperial, mas isso ainda não está definido.

Desenvolvido pela editora Akagawa, com projeto gráfico do artista carioca Waltércio Caldas — que trabalhou junto à equipe de produção da Clinch Promoções e Propaganda — o livro tem 268 páginas, 43 fotos em cores e 272 em preto e branco, assinadas por Rômulo Fialdini, Miguel Rio Branco e fotógrafos franceses e ingleses. A tiragem é de três mil exemplares e, segundo Oscar Segall (filho de Raquel e neto de Lasar Segall), da Clinch, será distribuído, através da Freebook, para museus e colecionadores do Mundo inteiro.

Além do registro fotográfico de sua obra, o livro faz um estudo das fases de Camargo, feito pelo crítico Ronaldo Brito. Professor de História da Arte na PUC e de Estética na Uni-Rio, Brito, carioca, 41 anos, o conheceu em 1974, quando foi convidado pelo artista, que voltava de longa temporada em Paris, para escrever o catálogo de sua exposição no Museu de Arte Moderna. (Denise Lima)



Camargo: "a escultura se liberta de fórmulas; a liberdade de criar é maior"

Novidade americana para todas as idades

SÃO PAULO — Com 18 anos de bagagem no mercado, a Livraria Freebook tem obras capazes de emocionar desde as pessoas que costumam passar ao largo dos livros às que ostentam orgulhosamente o título de "rato de biblioteca". Há de tudo, para todos. A maior parte das obras que oferece é americana, mas também importa do Japão, Inglaterra, Espanha e França.

Nessa Bienal, além do livro "Camargo", o proprietário da casa, Manoel Dias Teixeira, arranhou uma atração que, apesar de dirigida ao público infantil, está empolgando muito os adultos: é o *sound story*, ou livro eletrônico, apresentado em seis títulos e em dois tamanhos.

— Esses livros foram lançados este ano em Las Vegas, na American Booksellers Annual, que é uma feira fechada ao público, e logo se tornaram vedetes. Têm histórias do Snoopy, Mickey, Dinossauros e Pernalonga, entre outras. A medida que a narrativa se desenvolve e vão aparecendo figuras no meio do texto, a criança encontra correspondentes numa espécie de teclado encaixado na lateral do livro. Basta um apertado na tecla para que seja emitido o som de um trenzinho, um sapo, uma corneta, ou a gargalhada de um bruxo — explica Teixeira. Cada exemplar custa em média US\$ 25 (cerca de Cr\$ 2 mil, no paralelo).

Em geral, os livros mais procurados na loja da Freebook são os americanos, principalmente os que tratam de cinema, arquitetura, design gráfico e culinária. (D.L.)